

HUMANAS E SOCIAIS
V.13 • N.1 • 2026 • Publicação Contínua

ISSN Digital: 2316-3801
ISSN Impresso: 2316-3348
DOI: 10.17564/2316-3801.2026v13n1p38-52



EXPLORAÇÃO, DESIGUALDADE E JUSTIÇA: SENTIDOS PRODUZIDOS POR ADOLESCENTES RURAIS DIANTE DO FILME *PROPRIEDADE*

EXPLOITATION, INEQUALITY, AND JUSTICE:
MEANINGS PRODUCED BY RURAL ADOLESCENTS
IN RESPONSE TO THE FILM *PROPRIEDADE*

EXPLOTACIÓN, DESIGUALDAD Y JUSTICIA:
SENTIDOS PRODUCIDOS POR ADOLESCENTES RURALES
ANTE LA PELÍCULA *PROPRIEDADE*

Matheus Sousa de Macena¹
Daniele Nunes Henrique Silva²
Elayne Messias Passos³

RESUMO

Este estudo buscou analisar os sentidos produzidos por adolescentes rurais acerca do trabalho a partir da mediação estética. Foi realizada uma pesquisa-ação com três adolescentes de uma escola rural no Distrito Federal. A metodologia incluiu entrevistas semiestruturadas e a realização de um cineclubes. Neste artigo, a análise foca nas discussões de um grupo focal após a exibição do filme “Propriedade” (2023). Os dados foram analisados focando nos fragmentos discursivos para compreender a produção de sentidos em processo. O filme catalisou debates sobre exploração laboral análoga à escravidão, desigualdade e justiça. Os adolescentes demonstraram capacidade de pensamento conceitual, ponderando dilemas éticos complexos, como a legitimidade da violência como resposta à opressão. Suas falas revelaram uma articulação entre suas próprias vivências de trabalho informal e a narrativa fílmica. A discussão evidenciou como a arte pode mediar a reflexão sobre as condições objetivas de exploração (como a mais-valia) e os modos como elas constituem subjetividade e a percepção da realidade. Considera-se que a mediação estética foi eficaz para promover reflexões críticas entre os jovens, conectando suas vivências singulares a questões sociais amplas. A pesquisa reafirma a relevância da Teoria Histórico-Cultural para compreender o desenvolvimento na adolescência e destaca o potencial da arte como ferramenta de formação da consciência crítica. Aponta-se a necessidade de políticas públicas para o campo e de integrar a arte ao currículo escolar como meio de transformação social.

PALAVRAS-CHAVE

Adolescência. Ruralidade. Cinema. Psicologia. Teoria Histórico-Cultural.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the meanings produced by rural adolescents regarding work through aesthetic mediation. An action research was conducted with three adolescents from a rural school in the Federal District. The methodology included semi-structured interviews and the organization of a film club. In this article, the analysis focuses on the discussions of a focus group after the screening of the film *Propriedade* (2023). Data were analyzed focusing on discursive fragments to understand the ongoing production of meanings. The film catalyzed debates on labor exploitation analogous to slavery, inequality, and justice. The adolescents demonstrated the ability for conceptual thinking, reflecting on complex ethical dilemmas such as the legitimacy of violence as a response to oppression. Their statements revealed a connection between their own experiences of informal labor and the film's narrative. The discussion highlighted how art can mediate reflection on the objective conditions of exploitation (such as surplus value) and the ways these shape subjectivity and perceptions of reality. Aesthetic mediation was considered effective in fostering critical reflections among youth, linking their singular experiences to broader social issues. The research reaffirms the relevance of the Cultural-Historical Theory for understanding adolescent development and emphasizes the potential of art as a tool for fostering critical awareness. It also points to the need for public policies for rural contexts and the integration of art into the school curriculum as a means of social transformation.

KEYWORDS

Adolescence; Rurality; Cinema; Psychology; Cultural-Historical Theory.

RESUMEN

Este estudio buscó analizar los sentidos producidos por adolescentes rurales acerca del trabajo a partir de la mediación estética. Se realizó una investigación-acción con tres adolescentes de una escuela rural en el Distrito Federal. La metodología incluyó entrevistas semiestructuradas y la realización de un cineclub. En este artículo, el análisis se centra en las discusiones de un grupo focal tras la exhibición de la película *Propriedade* (2023). Los datos fueron analizados enfocándose en fragmentos discursivos

para compreender la producción de sentidos en proceso. La película catalizó debates sobre explotación laboral análoga a la esclavitud, desigualdad y justicia. Los adolescentes demostraron capacidad de pensamiento conceptual, reflexionando sobre dilemas éticos complejos, como la legitimidad de la violencia como respuesta a la opresión. Sus intervenciones revelaron una articulación entre sus propias vivencias de trabajo informal y la narrativa fílmica. La discusión evidenció cómo el arte puede mediar la reflexión sobre las condiciones objetivas de explotación (como la plusvalía) y los modos en que estas constituyen subjetividad y percepción de la realidad. Se considera que la mediación estética fue eficaz para promover reflexiones críticas entre los jóvenes, conectando sus experiencias singulares con problemáticas sociales más amplias. La investigación reafirma la relevancia de la Teoría Histórico-Cultural para comprender el desarrollo en la adolescencia y destaca el potencial del arte como herramienta de formación de la conciencia crítica. Asimismo, señala la necesidad de políticas públicas para el campo y de integrar el arte en el currículo escolar como medio de transformación social.

PALABRAS CLAVE

Adolescencia; Ruralidad; Cine; Psicología; Teoría Histórico-Cultural.

1 INTRODUÇÃO

Ancorado na teoria histórico-cultural, o estudo objetiva analisar os sentidos produzidos por adolescentes rurais sobre o trabalho, as relações de poder e as desigualdades no campo, articulando suas experiências às condições materiais e históricas que estruturam suas trajetórias. A pesquisa toma como referência o filme *Propriedade* (2023), de Daniel Bandeira, escolhido por sua potência em suscitar reflexões críticas sobre tais temas.

A realidade rural brasileira, frequentemente simplificada por uma perspectiva urbanocêntrica – que toma a vida urbana e seus valores como hegemônicos –, é um mosaico de peculiaridades sociais, econômicas e culturais que merecem atenção aprofundada (Conti *et al.*, 2020). Embora o campo concentre uma parcela significativa da população e exerça função vital para a subsistência do país, ainda persiste uma escassez de dados e pesquisas que investiguem de forma específica as condições de vida e de desenvolvimento de seus habitantes.

A produção científica já desenvolvida acerca desses territórios tem se concentrado, em grande medida, nas especificidades do trabalho rural e na luta incessante das famílias para garantir renda e condições mínimas de sobrevivência (Gama, 2023; Goldschmidt; Birolo, 2024). Essa ênfase, contudo, está intrinsecamente ligada aos desafios históricos que marcam o cotidiano do campo, expressos não apenas na precariedade das relações de trabalho, mas também na insuficiência de políticas públicas voltadas à proteção social, no acesso limitado a serviços básicos de saúde e educação, bem como na permanência de estruturas de exploração fundiária que reproduzem desigualdades seculares.

Assim, ao focalizar o esforço diário das famílias em assegurar sua subsistência, entra em evidência como a sobrevivência no campo se constrói em meio a contradições profundas, nas quais o trabalho braçal se combina com processos de vulnerabilização social, racial e econômica. Esse quadro geral revela não apenas uma desigualdade socioeconômica, mas também um desequilíbrio epistemológico: enquanto o campo é central para a produção de alimentos e riquezas, as pessoas que lá vivem permanecem invisibilizadas no debate acadêmico e político (Macena, 2025).

Nesse contexto, um dos temas ainda pouco explorados pela literatura acadêmica refere-se às condições de vida de adolescentes e jovens em contextos rurais contemporâneos. As investigações de Zakabi (2016) indicam que as aspirações juvenis estão fortemente orientadas pela busca de melhores oportunidades educacionais e profissionais, o que frequentemente exige a migração para fora de suas comunidades de origem.

Esse deslocamento, segundo o autor, envolve o desafio de reconstruir vínculos afetivos e sociais, além da necessidade de conquistar novos espaços de reconhecimento e pertencimento. A esse cenário soma-se a desarticulação entre os conteúdos escolares e a realidade concreta do campo, elemento que fragiliza o vínculo dos jovens com a agricultura e contribui para que esta seja vista não como um trabalho promissor, mas como um caminho restrito e pouco valorizado socialmente.

Pesquisas também ressaltam, paradoxalmente, que, embora muitas vezes rotulados sob estigmas como o desinteresse ou o envolvimento com drogas, a vida do jovem e do adolescente rural é marcada pelo elevado senso de responsabilidade em seus projetos de vida (Zakabi, 2018; Carneiro, 2007). Muitos assumem papéis de cuidado com pais adoecidos e irmãos mais novos, evidenciando que suas trajetórias, longe de se restringirem às marcas negativas que lhes são atribuídas, também se constroem em meio a práticas de solidariedade, resistência e responsabilidade social.

Para analisar tais realidades, a escolha da teoria de Vigotski como fio condutor deste artigo se justifica pelo fato de que, ao contrário de abordagens que explicam o desenvolvimento como fruto de características inatas, traços de personalidade ou etapas lineares e universais, sua concepção enfatiza que o processo de formação humana é inseparável das condições sociais, históricas e culturais nas quais o sujeito está inserido.

Enquanto perspectivas biologicistas tendem a naturalizar dificuldades e desigualdades, ou ainda atribuir a determinados grupos sociais desvios e falhas individuais, Vigotski (2018) desloca o olhar para o meio, concebendo-o como fonte de desenvolvimento. É nesse ponto que sua abordagem se mostra decisiva para compreender o adolescente e o jovem rural: ao invés de reforçar estigmas, possibilita enxergar como as condições concretas de vida, marcadas por trabalho precoce, responsabilidades familiares e vínculos comunitários, organizam e transformam suas formas de pensar, agir e sentir.

Considerar o jovem rural a partir dessa perspectiva implica, portanto, reconhecer que suas trajetórias não podem ser analisadas sem levar em conta os modos singulares pelos quais o meio rural organiza, limita e, ao mesmo tempo, potencializa formas de inserção social, de criação e de elaboração de projetos de vida. Em outras palavras, o meio rural conforma determinadas experiências e oportunidades. Se, por um lado, impõe restrições (como o menor acesso a serviços, educação ou emprego), por outro, produz, de forma contraditória, potencialidades singulares. Essas potencialidades

se vinculam às possibilidades de os sujeitos vivenciarem formas próprias de sociabilidade, vínculos comunitários mais sólidos e modos específicos de viver e trabalhar.

O presente estudo, buscando ampliar o escopo investigativo em uma área ainda marcada por lacunas, tem como objetivo compreender as vivências de adolescentes em contextos rurais, explorando os sentidos que produzem acerca de suas condições de vida. Para isso, a pesquisa, fundamentada em uma abordagem de pesquisa-ação, realizada em um contexto educacional rural, toma como material empírico fragmentos discursivos produzidos em um cineclube, no qual a exibição de um filme foi acompanhada por mediações estéticas orientadas para promover a reflexão crítica e o diálogo coletivo. Com base nisso, indagamos: quais os sentidos produzidos por adolescentes do campo acerca da relação entre trabalho e propriedade?

2 MÉTODO

O presente estudo é um recorte da pesquisa de doutorado do primeiro autor. Adotamos uma abordagem de pesquisa-ação com o objetivo de analisar os sentidos produzidos por adolescentes rurais acerca de suas próprias ruralidades mediadas pela experiência fílmica. A metodologia de pesquisa-ação integra investigação e prática, buscando desenvolver conhecimento e compreensão no decorrer da própria ação. Seu foco está na produção de conhecimento orientada a grupos desfavorecidos e vulneráveis, visando evidenciar a relação entre reflexão contínua e prática cotidiana em suas contradições.

A Pesquisa-Ação Participante (PAP) adota a vivência como campo de pesquisa e intervenção, buscando superar a dicotomia sujeito-objeto e a separação entre investigação e ação (Fals Borda, 1972; Sawaia, 1987). Nela, as vivências de todos os envolvidos são valorizadas, promovendo a coprodução de saberes. Consideramos que essa abordagem, mediada esteticamente, mostra-se fecunda para reconfigurar as trajetórias subjetivas dos participantes.

A pesquisa-ação ocorreu em quatro etapas. Primeiro, estabeleceu-se contato com a escola e apresentou-se o projeto de extensão, cujo objetivo era criar um Cineclube para discutir a temática da ruralidade. Em seguida, foram selecionados os participantes conforme os seguintes critérios de inclusão: ser estudante do ensino médio da escola investigada e ter pelo menos 16 anos de idade. Ainda nesta segunda etapa, foram coletados os termos de consentimento livre e esclarecido (assinado pelos responsáveis legais) e termos de assentimento, assegurando sigilo e anonimato. Na terceira etapa, realizamos entrevistas semiestruturadas individuais, videogravadas e transcritas integralmente (média de 48 minutos), voltadas à caracterização do grupo e ao fortalecimento do engajamento.

As entrevistas buscaram compreender as trajetórias escolares e sociais dos adolescentes, bem como suas expectativas quanto ao trabalho, à educação e ao futuro. Por fim, foi criado o Cineclube, com filmes cuidadosamente selecionados e organizados em formato de grupos focais não diretivos. Esse espaço constituiu-se como uma esfera coletiva de diálogo e participação, na qual os adolescentes puderam expressar valores, opiniões, tanto consensuais quanto divergentes, sobre suas experiências no meio rural, favorecendo a emergência de reflexões mais elaboradas e críticas.

Para este artigo, analisamos um dos encontros do Cineclube, tendo como referência o filme *Propriedade* (2023), dirigido por Daniel Bandeira, com 1h40min de duração. O thriller psicológico acompanha uma mulher da elite que, em meio a um levante de trabalhadores rurais em sua fazenda, refugia-se em uma caminhonete blindada. Presa no veículo, enfrenta uma luta angustiante pela sobrevivência. O filme utiliza a tensão crescente para explorar questões como luta de classes, desigualdade social e conflitos entre patrões e trabalhadores rurais no Brasil.

A mediação estética, fio metodológico desta pesquisa, é compreendida como o processo em que a relação entre sujeitos se dá por meio de objetos ou práticas artísticas capazes de mobilizar emoções, ressignificar experiências e revelar contradições sociais (Naves; Borges, 2024). O uso de filmes, fotografias e outras linguagens artísticas, portanto, não se limita a um recurso didático, mas atua como dispositivo formativo que articula experiência singular e patrimônio cultural, favorecendo consciência crítica e novas formas de subjetividade.

A mediação estética é o processo pelo qual o ser humano entra em contato com o mundo por meio de artefatos artísticos (e, portanto, simbólicos) que se constituem a partir da relação entre o artista e o público, possibilitando uma forma singular de conectar-se à vida. Conforme destaca Vygotski (2001), essa mediação ocorre pela dimensão sensível da experiência, mobilizando a emoção e a imaginação nas formas de expressão da verdade artística; aquela que não se revela pela lógica conceitual, mas pela força expressiva das formas, imagens e sentimentos humanos.

Nessa perspectiva, a arte deixa de ser um simples instrumento de representação da realidade e passa a constituir-se como território da expressão humana que produz uma ruptura com a própria realidade representada. Ao promover o estranhamento diante do cotidiano, a mediação estética possibilita que o público se deixe tocar pelas contradições da vida concreta que o atravessam, convertendo essa experiência em uma forma singular de relação consigo, com o outro e com o mundo; uma vivência extraordinária que abre caminhos para processos emancipatórios. Aqui, o sujeito é profundamente afetado e transformado pelo encontro com a obra. Segundo Pereira (2012), a experiência estética situa-se em um limiar onde o sujeito se vê implicado de forma integral (afetiva, cognitiva e ética) em um movimento de criação de si.

A mediação estética, portanto, não apenas conecta sujeitos por meio da arte, mas reconfigura seus modos de sentir, pensar e agir, articulando experiência singular e patrimônio cultural. Tal perspectiva reforça que o processo educativo, quando atravessado pela dimensão estética, contribui para a formação de sujeitos críticos e sensíveis, capazes de elaborar novas formas de subjetividade e de compreender a complexidade das relações sociais em que estão inseridos.

2.1 CONTEXTO E PARTICIPANTES

A pesquisa foi conduzida em uma escola pública situada em uma comunidade rural do Distrito Federal (DF), denominada ficticiamente “Campos do Cerrado”. A população local é diversificada em termos de escolaridade e qualificação profissional, tendo a agropecuária como principal fonte de renda, complementada pelo turismo rural. Os participantes são adolescentes do Ensino Médio, com idades entre 16 e 18 anos. As atividades foram realizadas às quartas-feiras na biblioteca da escola, que dispõe de infraestrutura adequada.

Participaram da pesquisa sete adolescentes; entretanto, no encontro do Cineclube em que foi exibido o filme *Propriedade* estiveram presentes três: Paulo, Jonas e Toninho. Paulo (16) vive com a família em uma chácara, ajuda nos fins de semana como barbeiro e garçom e pensa em seguir carreira em agronomia, tecnologia ou no Exército. Jonas (16) mora com a mãe e irmãos no engenho, trabalha em uma empresa de tendas, é ativo na igreja evangélica e tem interesse em matemática, informática e inglês. Toninho (18) cresceu em uma chácara, valoriza muito a família, realiza bicos em comércios, deseja ingressar no Exército ou no Ensino Superior, sonha em melhorar a vida dos pais e tem forte vínculo com a cultura musical e juvenil (rap, sertanejo, animes, festivais).

2.2 CONSTRUÇÃO DOS DADOS

Todos os encontros da pesquisa foram integralmente videogravados e transcritos, recurso que garante não apenas a fidelidade do material, mas também a possibilidade de revisitação sistemática, favorecendo a formulação de novas hipóteses e interpretações. Para fins deste artigo, optamos por trabalhar com fragmentos discursivos da discussão sobre o referido filme, entendidos como recortes densos que condensam a produção de sentidos.

Esses fragmentos funcionam como eixos de análise nos quais se torna possível observar (Macena, 2025), em detalhe, como os adolescentes elaboram sentidos sobre o trabalho, a ruralidade e suas próprias trajetórias de vida, revelando o entrelaçamento entre subjetividade e condições histórico-sociais. Essa escolha metodológica não implica perda de rigor, mas enfatiza a dimensão qualitativa da pesquisa, ao destacar momentos emblemáticos em que se manifestam tensões, contradições e ressignificações próprias da vivência dos adolescentes em contexto rural.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o CAAE nº 76788923.8.0000.5540 e conduzida de acordo com os padrões éticos exigidos.

3 RESULTADOS

A exibição do filme *Propriedade* estimulou reflexões dos adolescentes sobre desigualdade, trabalho, exploração e justiça em contextos de opressão, revelando sua capacidade de elaborar pensamentos conceituais complexos. Embora tenham demonstrado certo desinteresse inicial, o envolvimento cresceu com o conflito central entre classes sociais, levando-os a torcer pela protagonista Teresa. No entanto, o final aberto do filme gerou frustração e questionamentos entre os participantes.

Cena 1: Filme *Propriedade*

No contexto da roda de conversa sobre o filme, Paulo perguntou qual era mesmo o nome da obra e o pesquisador respondeu que se tratava de *Propriedade*. Toninho acrescentou que era “o filme em que a mulher fica presa no carro”, o que levou Paulo a recordar o enredo, enquanto Jonas comentou que não havia entendido algumas cenas. Essa retomada inicial indicava, ao mesmo tempo, certa dificuldade de compreensão da trama e uma atenção seletiva aos momentos de maior ação. Na continui-

dade do debate, os meninos expressaram insatisfação com o final aberto. Toninho observou que “teria que haver uma parte 2, pois ficou muito sem final”.

Quando o pesquisador perguntou o que mais havia chamado a atenção, os meninos destacaram a crítica social às condições de trabalho. Jonas observou que “nem carteira de identidade ou de trabalho eles tinham. Tava tudo errado”, enquanto Toninho, em tom de riso, reconheceu a gravidade ao afirmar que “eles têm direito, mas não precisava matar os cara”. O pesquisador problematizou: “Gera um dilema aí?! O que vocês acham que poderia ser feito?” – o que levou Jonas a sugerir o diálogo e Toninho a ressaltar a importância da personagem mais velha, que “tinha muito conhecimento”. A partir disso, emergiu a reflexão de que os trabalhadores viviam em condições “análogas à escravidão”, como explicitou o pesquisador, e Jonas reforçou lembrando que recebiam “muito pouco, porque já era descontado questão de comida, moradia. Não tinha nem energia direito, tudo ficava na casa”.

Quando questionados sobre o que fariam ao presenciar o assassinato de um funcionário, Toninho disse que “ficaria apavorado, não tinha o que fazer”, Paulo respondeu rindo “rapaz, não sei”, e Jonas considerou que “tentava segurar o cara lá”. A insegurança diante da cena refletia a percepção de impotência frente à violência brutal exposta no filme. Esse mesmo raciocínio apareceu na discussão sobre a protagonista: diante da pergunta se a tirariam do carro, Toninho respondeu que “acho que não”, com Paulo concordando e justificando que “eles iam matar ela”. O pesquisador então provocou: “Era pra deixá-la fugir e testemunhar contra você?” – o que gerou risos, mas também reflexões, até Jonas concluir: “pensando por esse lado aí, nem dá. Já vai preso de qualquer jeito”.

O humor e a ironia surgiram como formas de lidar com o impacto das cenas. Toninho comentou rindo que os personagens “cortaram o braço da criança, véi. Fosse pelo menos os dedos... la ficar só ‘os toquinho””, além de ironizar o roteiro ao dizer que “o carro é indestrutível, à prova de tudo, mas não tem freio”.

Por fim, discutiram a responsabilidade da protagonista Teresa. O pesquisador comentou que “ela nem tem culpa do que está acontecendo”, mas Toninho contrapôs que “ela nem sabia, mora lá na cidade”, logo acrescentando uma contradição: “Se bem que o pessoal lá conhece ela de muito tempo”. Questionado se isso não poderia indicar algum conhecimento da situação, ele concluiu que “talvez soubesse, mas não tinha noção”.

O debate revelou que a experiência com o filme suscitou críticas sociais, reconhecimento das condições de exploração, dilemas ético-políticos e o uso do humor como estratégia de elaboração da violência. As falas demonstraram uma leitura crítica, ainda que permeada por incertezas e contradições, sobre responsabilidade individual e coletiva nos conflitos retratados.

4 DISCUSSÃO

O incômodo dos participantes com o final aberto do filme e o desejo de Toninho por uma “parte 2” evidenciam como a narrativa cinematográfica suscitou múltiplos sentidos entre os adolescentes, o que denota a dificuldade em lidar com narrativas que deixam questões em aberto e demonstra a busca do grupo por uma coerência narrativa que oferecesse respostas.

O desfecho, ao não oferecer solução conclusiva, deixa a protagonista e os conflitos em suspenso, promovendo uma catarse que gera tensão, indignação e empatia, mas não resolve os dilemas éticos. Conforme Brylla (2004), esse tipo de *open ending* ou *inconclusive closure* convida à reflexão, à interpretação ativa do público e ao debate sobre justiça e responsabilidade. Do mesmo modo, estudos recentes (Zheng; Yu, 2024) indicam que os finais abertos prolongam o impacto emocional da obra, produzindo um eco que ultrapassa a experiência imediata da projeção.

As falas dos adolescentes sobre a ausência de documentos, os descontos por comida, moradia e a dependência do empregador remetem às formas contemporâneas de exploração laboral, frequentemente caracterizadas no Brasil como trabalho análogo à escravidão. A *mise-en-scène* do filme evidencia justamente essas estruturas materiais da opressão (como moradia precária, retenção de direitos e controle do consumo), ao mesmo tempo em que expõe as lacunas institucionais que permitem sua continuidade.

Esse ponto de vista, construído a partir das narrativas juvenis, aproxima-se de análises acadêmicas que associam tais representações à continuidade histórica das práticas de exploração no Brasil. Como argumentam Breder e Mendonça (2024), essas imagens não se limitam à ficção, mas remetem a experiências reais de trabalho forçado ainda presentes. Os comentários dos participantes, ao destacarem a apropriação da riqueza e mecanismos de manipulação econômica – como os descontos por alimentação e o monopólio do comércio – dialogam com as categorias marxistas de mais-valia e alienação (Cipolla, 2014; Barros, 2011), evidenciando a apropriação do excedente do trabalho pelos proprietários. A cena do filme, em que trabalhadores rurais eram obrigados a viver e consumir no mesmo espaço de produção, com salários insuficientes e sem garantias legais, exemplifica esse processo de exploração.

As discussões entre os adolescentes sobre as motivações dos personagens revelam a percepção de realidades opressivas, em consonância com a crítica do materialismo histórico à sociedade capitalista, fundada na exploração e na primazia do lucro sobre as relações humanas (Marx; Engels, 2007). A fala de Toninho – “eles têm direito, mas não precisava matar os cara” – expressa, ainda que de forma extrema, uma compreensão da violência como elemento constitutivo das relações de poder.

O jovem reconhece a legitimidade da reivindicação dos trabalhadores, mas percebe também o ponto em que a violência extrapola seus limites. Ainda sobre a questão da violência, vale ressaltar que, diante de cenas sangrentas, os adolescentes riam e ironizavam a situação. Eles pareciam incrédulos diante da brutalidade da narrativa; o riso e a ironia pareciam ser uma tentativa de se distanciar do desconforto provocado pelos acontecimentos cênicos.

O tema da desigualdade social também emergiu de forma contundente na discussão dos adolescentes, evidenciando como experiências de exclusão e limitação de direitos são percebidas concretamente. Jonas, ao afirmar que “nem carteira de identidade ou de trabalho eles tinham”, traz à tona a precariedade institucional que caracteriza a vida de trabalhadores em contextos rurais de vulnerabilidade. A precarização do trabalho no campo, evidenciada pelos diálogos dos adolescentes sobre a falta de carteira assinada, baixos salários e descontos para alimentação e moradia, demonstra como essas estruturas reproduzem marginalização e exclusão social, criando um ciclo de dependência (Viapiana; Gomes; Albuquerque, 2018; Oliveira, 2020).

As referências ao carro, blindado e aparentemente indestrutível, mostram como a inacessibilidade aos bens e recursos revela uma dimensão simbólica da exclusão social (Leão; Nonato, 2012). Essas

observações permitem analisar criticamente o modo como a desigualdade não se limita a indicadores econômicos, mas se manifesta nas relações interpessoais, reverberando as condições contraditórias de vida em contextos de vulnerabilidade (Legnani; Almeida; Beleza, 2016).

O carro, além de percebido como “indestrutível, mas sem freio”, também pode ser interpretado como símbolo da própria propriedade. Os jovens entenderam que o confinamento de Teresa no carro representa o cerne da disputa: retirá-la ou não significava decidir não apenas sobre salvar ou condenar a personagem, mas sobre permitir ou não o acesso a esse espaço de poder. O carro, assim, demarcava quem estava dentro e protegido e quem permanecia fora e em confronto, representando a metáfora da exclusão, do controle e também da resistência.

Os diálogos entre os participantes revelaram um profundo engajamento com dilemas éticos complexos, o que pode ser compreendido, à luz de Vigotski (2006, 2024), como expressão do desenvolvimento do pensamento por conceitos, característico da adolescência. Segundo o autor, essa fase é marcada por mudanças qualitativas nas funções psicológicas e na estrutura da consciência, permitindo que os indivíduos organizem o pensamento de forma sistemática e conceitual, incluindo a compreensão de direitos, deveres e desigualdades sociais.

Ou seja, a formação conceitual possibilita que os jovens transcendam a experiência imediata e analisem situações em um plano mais abstrato e generalizador. Questões como “O que você acha que poderia ser feito?” para resolver o conflito, ou o debate sobre se seriam “a favor de tirar a mulher do carro?”, levaram os adolescentes a ponderar sobre justiça, violência e suas consequências. Do mesmo modo, a reflexão sobre “eles iam matar ela” e o risco de “ser todo mundo preso” evidenciam a capacidade de relacionar ações a suas ramificações, articulando o particular ao geral e revelando processos analíticos próprios do pensamento conceitual.

Além disso, o filme permitiu aos adolescentes explorar e ampliar seus sentidos sobre o vivido e o sentido. A categoria de vivência (*pereživanie*), central na THC, é compreendida como a unidade que integra as particularidades da personalidade e da experiência imediata, sendo fundamental para o estudo do sujeito histórico em sua relação com o meio (Vigotski, 2018). A vivência não é mera experiência ou emoção, mas algo que impacta profundamente o sujeito, transformando sua relação com a realidade (Capucci; Silva, 2018). A relação com o filme, que proporcionou a ressignificação das relações que as pessoas estabelecem com a realidade, com os outros e consigo mesmas, exemplifica a profundidade dessa categoria. Afinal, são jovens que trabalham em condições informais, e dois deles moram no quintal dos padrões de seus pais. Tais vivências perpassam suas perspectivas acerca do filme.

Outro ponto que merece atenção diz respeito à polissemia estética provocada pelo filme e pela discussão. A arte se atualiza continuamente diante de novas realidades e ressignifica o vivido. O papel do espectador é ativo, recriando a obra e reelaborando emoções em um processo criador (Vigotski, 2001). As diferentes interpretações dos adolescentes sobre o filme, como as falas “É o que a mulher fica presa no carro” ou “o que eu mais fiquei indignado: o carro é indestrutível, à prova de tudo, mas não tem freio”, ilustram a diversidade na produção de novos sentidos.

Por isso, importa salientar que a discussão entre os adolescentes não se limitou à observação do enredo, mas revelou como eles processam experiências complexas e elaboram conceitos sobre

justiça, desigualdade e ética. Por exemplo, a sugestão de Paulo de “dividir um pouquinho pra cada” do valor da propriedade evidencia uma transcendência da experiência imediata, projetando soluções possíveis para dilemas sociais e econômicos profundos.

As diferentes interpretações sobre o filme e as motivações dos personagens, incluindo a incerteza de Toninho – “Talvez (ela) soubesse, mas não tinha noção” – revelam como os adolescentes mobilizam suas experiências e repertórios de vida para compreender situações complexas, ponderando aspectos éticos, jurídicos e sociais. A subjetividade dos jovens, ao refletir sobre distribuição de riqueza, exploração do trabalho e desigualdade de acesso, articula-se tanto com a experiência empírica observada no filme quanto com a construção de conceitos abstratos sobre justiça e solidariedade, evidenciando sua capacidade de integrar análise social e pensamento crítico, característicos da adolescência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo revelou que a mediação estética, por meio do filme Propriedade, desempenhou um papel significativo na mobilização de reflexões críticas entre adolescentes rurais sobre temas como desigualdade social, exploração laboral e dilemas éticos. A obra cinematográfica, ao apresentar um contexto de opressão e conflito, permitiu que os participantes articulassem suas vivências concretas com questões mais amplas, como justiça, violência e responsabilidade social. Essa interação evidenciou a capacidade dos jovens de integrar suas experiências pessoais com análises conceituais, demonstrando o potencial da arte como ferramenta de transformação social e formação crítica. As discussões revelaram a produção de sentidos sobre a precariedade das condições de trabalho no campo, a alienação dos trabalhadores e as desigualdades estruturais que permeiam a sociedade rural. Além disso, os debates sobre dilemas éticos e ações possíveis diante da violência demonstraram a capacidade dos jovens de refletir criticamente sobre questões complexas, mesmo em meio a contradições e incertezas.

Do ponto de vista teórico, o estudo reafirma a relevância da Teoria Histórico-Cultural para compreender a adolescência como um período de desenvolvimento marcado pela formação de conceitos, pela estruturação da personalidade e pela consolidação das funções psíquicas superiores. A mediação estética, ao conectar experiências individuais com a coletividade, mostrou-se um caminho profícuo para a resignificação de trajetórias subjetivas, ampliando os horizontes de significados dos participantes e favorecendo a criação de novas formas de consciência crítica.

Por fim, o estudo evidencia a necessidade de políticas públicas voltadas à educação e à cultura no meio rural, capazes de integrar formação estética, mediação artística e reflexão crítica sobre trabalho e trajetória de vida. Entre as ações possíveis, desenvolver: 1) programas que incorporem filmes e outras linguagens artísticas como mediações estéticas com fins pedagógicos nas escolas rurais; 2) oficinas comunitárias de produção audiovisual e expressão artística e; 3) cursos de formação docentes que envolvam a mediação estética e a arte no currículo.

Este artigo sugere que investigações futuras explorem o impacto da mediação estética em diferentes contextos sociais e educacionais, bem como aprofundem a análise sobre as aspirações, desafios

e potencialidades de adolescentes em áreas rurais. A pesquisa também abre caminhos para discutir como a arte pode ser integrada ao currículo escolar como meio de formação crítica e transformação social, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D. Assunção. O conceito de alienação no jovem Marx. **Tempo Social**, v. 23, n. 1, p. 223-245, 2011.

BREDER, Débora; MENDONÇA, Mônica Cruz Vieira “Aqui não é uma nação livre”: o trabalho escravo contemporâneo em Pureza (2019), de Renato Barbieri. **Diálogos**, v. 28, n. 2, p. 87-106, 2024.

BRYLLA, Catalin. How are film endings shaped by their socio-historical context? Part I e II. **Image & Narrative**, 2004. Disponível em: <https://imageandnarrative.be/inarchive/issue08/catalynbrylla.htm>. Acesso em: 23 set. 2025.

CAPUCCI, Raquel Rodrigues; SILVA, Daniele Nunes Henrique. “Ser ou não ser”: a peregrinação do ator nos estudos de LS Vigotski. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 35, p. 351-362, 2018.

CARNEIRO, Maria José. **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

CIPOLLA, Francisco Paulo. O mecanismo da mais valia relativa. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 44, p. 383-408, 2014.

CONTI, Santiago; OLIVERA MÉNDEZ, Alejandra; LANDINI, Fernando Pablo; MONTEIRO, Rosa. Psicología rural en América Latina: proceso de institucionalización, reflexiones epistemológicas y desafíos. *In*: CALEGARE, Marcelo; MEZZALIRA, Adinete Sousa da Costa (org.). **Processos psicossociais: prática e reflexões sobre educação, saúde, ruralidades e política**. São Paulo: Alexa Cultural, 2020. p. 149-169.

FALS BORDA, O. Reflexiones sobre la aplicación del método de estudio-acción en Colombia. Simposio sobre política de enseñanza e investigación en ciencias sociales. doc. n. 8. p. 19-24. **[Anais]**, Pontificia Universidad Católica del Perú, Lima, 1972.

GAMA, Fernanda Cavalcante *et al.* Trabalhos análogos à escravidão: uma análise de indivíduos escravizados no século XXI no Brasil. **Cadernos EBAPE**. BR, v. 21, n. 3, p. e2021-0211, 2023.

GOLDSCHMIDT, Rodrigo; BIROLO, Swami Bez. O trabalho análogo ao de escravo e sua relação com a informalidade. **Revista do Programa Trabalho Seguro**, n. 2, p. 74-89, 2024.

LEÃO, Geraldo; NONATO, Symaira Poliana. Políticas públicas, juventude e desigualdades sociais: uma análise crítica. **Educação e Pesquisa**, v. 38, n. 1, p. 1-14, 2012

LEGNANI, Viviane Neves; ALMEIDA, Sandra Francesca; BELEZA, Flávia Tavares. Processos de subjetivação política nas escolas: Relatos de experiências em mediação social. **In: BRASIL, Katia Tarouquella; DRIEU, Didier (org.). Mediação, simbolização e espaço grupal: Propostas de intervenções com adolescentes vulneráveis.** 2016, p. 33-51.

MACENA, Matheus Sousa de. **Adolescentes rurais: produção de sentidos sobre ruralidades pela mediação fílmica.** 2025. Tese (Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2025.

MARX, Karl; ENGERLS, Friedrich. **Manifesto comunista.** São Paulo: Boitempo, 2007.

NAVES, Renata Magalhães; BORGES, Fabrícia Teixeira. As construções de sentidos por meio de atividades artísticas – a experiência estética de uma ONG. **Cadernos CEDES**, v. 44, n. 124, p. 351-363, 2024.

OLIVEIRA, Patrícia Carvalho de *et al.* “Sobrevivendo”: vulnerabilidade social vivenciada por adolescentes em uma periferia urbana. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 24, p. e190813, 2020.

PEREIRA, Marcos Villela. O limiar da experiência estética: contribuições para pensar um percurso de subjetivação. **Pro-posições**, v. 23, p. 183-198, 2012.

PROPRIEDADE. Direção: Daniel Bandeira. Brasil: Vitrine Filmes, 2023. 100 minutos.

RIOS, Camila Fernanda Moro; ROSSLER, Joao Henrique. O trabalho como atividade principal no desenvolvimento psíquico do indivíduo adulto. **Psicologia em estudo**, v. 22, n. 4, p. 563-573, 2017.

SAWAIA, Bader B. **A consciência em construção no trabalho de construção da existência.** 1987. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1987.

VIAPIANA, Vitória Nassar; GOMES, Rogério Miranda; ALBUQUERQUE, Guilherme Souza Cavalcanti de. Adoecimento psíquico na sociedade contemporânea: notas conceituais da teoria da determinação social do processo saúde-doença. **Saúde em debate**, v. 42, p. 175-186, 2018.

VIGOTSK, L. S. O desenvolvimento do pensamento do adolescente e a formação de conceitos. *In:* RIBER, Robert W.; ROBINSON, David K. (org.) **O essencial de Vigotski.** Petrópolis: Vozes, 2024.

VIGOTSKI, L. S. O problema do meio. 4ª aula. *In*: PRESTES, Zoia Ribeiro; TUNES, Elizabeth (org.). **Obras escolhidas de Vigotski**: tomo IV – Psicologia da educação. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018. p. 153-170.

VIGOTSKI, L. S. Desarrollo de los intereses en la edad de transición. *In*: VIGOTSKI, L.S. **Obras escogidas – Tomo IV**: Psicología infantil. 2. ed. Madrid: A. Machado Libros, S. A, 2006.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Psicologia da arte**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ZAKABI, Denise. **Jovens assentados**: história de vida e projetos de futuro em um assentamento no litoral do Ceará. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

ZAKABI, Denise. Sociodrama de projeção de futuro com jovens assentados: encontros e despedidas. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 24, n. 1, p. 44-51, 2016.

ZHENG, Haohan; YU, Mingxi. The aesthetic characteristics of open ending in chinese cinema. **Art and Performance Letters**, v. 5, p. 67-72, 2024.

Recebido em: 30 de Setembro de 2025

Avaliado em: 29 de Outubro de 2025

Aceito em: 11 de Janeiro de 2026



**A autenticidade desse artigo
pode ser conferida no site
<https://periodicos.set.edu.br>**

1 Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar, Universidade de Brasília; Graduado em Psicologia; Doutorando do programa de pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar da Universidade de Brasília, Professor do Centro Universitário do Distrito Federal – UDF. E-mail: msdemacena@gmail.com

2 Doutora em Educação, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP; Mestre em Psicologia da Educação e. Graduada em Pedagogia e Psicologia; Professora Associada II no quadro permanente da Universidade de Brasília – UnB, vinculada ao Instituto de Psicologia, efetiva do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar – PGPDE/UnB e colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação – UNICAMP. E-mail: Daninunes74@gmail.com

3 Doutora em Antropologia – UFBA; Mestra – UFS; Graduada em Ciências Sociais e em História – UFS; Professora efetiva da Rede Pública do Estado de Sergipe; Atualmente, cedida ao Ministério da Educação, onde chefia a Assessoria de Participação Social e Diversidade do Gabinete do Ministro; preside o Comitê de Políticas para Mulheres do MEC. E-mail: Elayne.messiasspassos@gmail.com, 79

Copyright (c) 2026 Revista Interfaces
Científicas - Humanas e Sociais



Este trabalho está licenciado sob uma
licença Creative Commons Attribution-
NonCommercial 4.0 International License.

